

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistados: Alino Rodrigues de Souza, Tila Rodrigues de Souza, Elias Alves Pires

Comunidade Capoeirinha, município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Junho, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *Um córrego chamado Capoeirinha* – Entrevista de Alino Rodrigues de Souza, Tila Rodrigues de Souza, Elias Alves Pires. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Um córrego chamado Capoeirinha

No cruzamento de festas e danças populares com a cruel falta de água, a Comunidade de Capoeirinha vai construindo sua história de luta e alegrias. Festa do Divino, dança do Nove, Roda, Batuque, Vilão, tudo vira motivo para celebração, seja festa religiosa ou encontro informal com os amigos. O pessoal mais novo parece não estar muito engajado nas tradições, mas se depender dos mais velhos as manifestações culturais serão mantidas.

O outro lado da moeda é a falta de água, queixa constante em toda região. Atualmente, a comunidade de Capoeirinha tem cerca 45 famílias, número bem menor do que já teve, em tempos passados. Era época diferente, quando o córrego chamado Capoeirinha transbordava de vida. “Cansei de ver meu pai cortando arroz com água no joelho, batia 30 sacas de arroz, mas secou tudo”, lamenta Elias Alves Pires. Ele comenta que a comunidade tinha dois poços artesianos, mas um secou. Sonha com a ideia da construção de uma barragem para distribuir água para todos ali.

Alino Rodrigues de Souza – Tenho 60 anos e sou da comunidade de Capoeirinha.

Tila Rodrigues de Souza – Tenho 48 anos e moro em Capoeirinha.

Elias Alves Pires – Tenho 43 anos, sou conhecido como Tequinho, também de Capoeirinha.

Vocês têm ideia da história da comunidade de vocês, há quanto tempo ela existe, quem eram os mais antigos, vocês lembram dessas informações?

Alino – A gente lembra de várias coisas de quando éramos crianças. Lembro de dança, o pessoal gostava muito de dançar forró caseiro. Festa de viola, tocar sanfona, mas com o tempo o tipo de som foi mudando. Mas eles gostavam muito de dança de viola, falava assim: “cantar paulista”, “cantar caboclo”, gostava demais, como ainda hoje ainda usam. Mas com o tempo, essa turma nova não quer mais ter uma brincadeira de viola, só mesmo os velhos que aproveitam.

Como era essa brincadeira de viola que você fala “cantar paulista, cantar caboclo”?

Alino – Sim, cantar em quatro pessoas, ou cantar em oito.

Elias - Em oito, quatro cantam de um lado, quatro respondem de outro e vão tocando na viola. Faz uma brincadeira, uma música que vem da nossa ideia mesmo. Eu mesmo já cantei muito e canto até hoje, quando tem uma festa. Eu faço festa em casa, e ainda acompanhando essa modernidade. Como em festa de Nossa Senhora do Rosário, festa de São João.

Você pode cantar um pouquinho para gente?

Elias – A gente canta mais bonito com a viola, quando estão os quatro emparelhados, um fala a primeira voz, outro a segunda, outro a requinta. Quando a gente está assim, reunidos para uma folia do Divino, tem o pouso e tem aquela chegada do Divino. Então o pessoal fica só sambando a noite toda. Aí senta ali e estuda, qualquer coisinha já faz um verso.

Alino – Nas festas não é todo mundo que agrada, mas em todo local tolera, o cara gosta de tomar uma cachacinha, ficar meio alegre e continua a brincadeira.

Elias – Mas eu vou cantar só o pedacinho de uma. Assim, a gente volta e fala: “vamos fazer um Nove, uma música que já foi do passado”, e aí vamos fazendo aquele bem bolado. Agora deixa lembrar como vou começar, ajuda eu, gente. Por exemplo, se a gente vai cantar para uma mulher, como no tempo da juventude, eu mesmo já fiz isso, a gente fala assim: “A sua ausência amor...”, i já esqueci, está vendo, “brincar meu nove, querida / eu vi a terra tremer / e diga amor, que começou a chover / meu coração, paixão, bateu forte por você”.

Outro lá responde: “a sua ausência, amor, só me faz eu padecer / somente, querida, eu deixei de beber / só para dar certo, um dia, meu encontro com você”. Eu fiz de conta assim, que antigamente eu era um cachaceiro, ninguém me queria, e fazendo de conta que larguei de beber, fui e fiz esse Nove. Fiz para cantar para uma menina, para ela ver que parei de beber e estava à disposição dela.

Alino – Mas isso cantava em oito pessoas, quatro de um lado e quatro de outro.

Tila – As mulheres também têm a Roda, Batuque, o Vilão. Então, uma canta um verso, outra responde esse verso, de brincadeira. Tem uma música que fala assim: “eu tenho meu cavalo com três pintas na quilina (crina) / quando quero ver meu bem, não tem sol e nem nuvina.”

Elias – Aí outro já inventa outro verso, que pode responder assim: “você diz que canta verso / canta verso nem por isso / no dia que estou à toa / cantar verso é meu serviço”. Um trovando, zoando o outro, na brincadeira.

Mas isso ainda acontece?

Elias – Acontece, acontece.

Alino – Mas só que está bem fraquinho.

Elias – É por causa da juventude de hoje, a turma mais nova, eles não querem saber dessas coisas, só de forró. Mas claro que eu também gosto de forró, não são só os novos não. Mas só que, se falar que é um samba de viola, para gente ir e todo mundo cantar, eu já vou mais alegre do que sendo o forró. Mas o dia que tem o forró eu também aproveito.

Tila – É mais bonito, os mais velhos gostam, mas os mais novos não estão querendo mais, só quer o forró. Mas é bonito quando a gente chega numa festa de viola e os homens estão cantando caboclo, o Nove, as mulheres estão cantando Roda, Batuque. Na hora que fazem o Nove, precisa fazer muitas filas.

Elias – É porque tem oito pessoas, e fica quatro de lá e quatro de cá. Tem uma primeira chamada e vai fazer esse nove que eu cantei, e vai fazendo as filas com carreira de quatro pessoas, e todo mundo passando de lá para cá, é muito bonito.

Tila – E quando é caboclo eles formam um caboclo e vai na sala, vai na cozinha, vai na varanda, vai no quintal, cantando, aquela fila de gente, os pares. Mas está acabando isso tudo.

Qual é a festa mais importante que acontece na comunidade, e quando ela acontece?

Elias – A mais importante é essa que estamos falando, a festa de viola. Acontece quando a gente quer, é só querer. Cada qual que tem sua casa e diz que vai fazer uma festa. Às vezes, eu tenho uma promessa de rezar um terço, por exemplo, dia 6 de agosto, do Senhor Bom Jesus, é dia de rezar terço. Dia de Nossa Senhora de Aparecida é dia de rezar. São João é dia de rezar, dia 24 de junho, e São Pedro, dia 29, vai indo assim. Daí reza um terço na casa da pessoa, e depois o dono da casa fala, que depois de rezar o terço, pode brincar, fazer uma festa de viola. E por aí vai, e costuma virar a noite.

E quando sai a Folia do Divino, todo dia de noite o Divino chega numa casa, onde a gente chama ali de pouso, que é onde o Divino vai pousar. O pessoal fala: “o pouso é na casa de fulano”. Que nem eu mesmo, lá em casa, esperei o Divino e fiz uma festa. O Divino chegou, o pessoal chegou também e festejamos a noite toda. Todo mundo bebendo, todo mundo cantando, e por aí vai.

A Folia do Divino quando é?

Elias – Sempre sai em maio. Inclusive, lá em casa, foi dia 29 de maio e recolheu dia 2 de junho.

E participa muita gente?

Elias – Bastante gente, quando é dia de festa numa casa. Só no giro, tem umas quatro ou cinco pessoas girando. Chega na casa de um, à tarde, dorme lá, no outro dia cedo, sai de novo, vai para uma comunidade, faz a festa no final. Tem uma festa de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Novas, já faz parte também do Divino Espírito Santo.

Quantas famílias tem Capoeirinha?

Alino – Mais ou menos umas 45 famílias.

Diminuiu muito o número de família nos últimos anos?

Elias – Diminuiu muito, muito, muito.

Foram para onde?

Elias – Alguns foram para Minas Novas, outros foram para São Paulo. Por conta do lugar, cada vez que passa vai ficando pior. Quase não chove, choveu este ano, 30 dias no início, e, de lá para cá, só deu mais umas duas chuvinhas.

Vocês têm escola?

Elias – Essa aqui mesmo.

Até que série?

Elias – Aqui é de 1ª a 4ª série. Quando passa para 5ª, vai para Cruzinha, tem um ônibus que pega o pessoal.

E lá até que ano?

Elias – Até o terceiro ano. Essa parte está boa, mas a pessoa sai por conta da prioridade. Porque hoje para mexer com algo que dá renda tem que ter água suficiente, água sobrando, mas não tem água para todos mexerem com algo que vale a pena, aí cada dia que passa você vê sair um. Tinha lugar que tinha cinco, seis moradores emboladinhos, ali no povoado. Agora só se vê um, dois, naquele local. Tem um bocado em Nova Serrana, outros em Minas Novas, São Paulo, Restinga, daqui mesmo tem muita gente na Restinga, na região de Franca.

Alino – Na questão de prioridade é água, cada dia fica pior. Já tem um tempo que a produção de alimento cai, o povo vivia mais do trabalho. Na verdade, a maioria das pessoas está esmorecendo, porque é todo ano perdendo lavoura, todo ano perdendo lavoura. Vai indo que o cara esmorece. Aqueles que vão percebendo que não está tendo produção, vão saindo devagarinho, um atrás do outro, e vai esvaziando.

Não tem água corrente aqui mais. Em Capoeirinha mesmo, só água de poço artesiano, assim mesmo, pouca, e não de boa qualidade. E até o rio que permeia aqui, o Capivari, já acontece dele estar secando até o monte de cima. É ele que passa dentro de Chapada do Norte, ele secou até para cima daqui. Aqui é um lugar muito tranquilo, mas está deixando a gente esmorecer por falta da água, até por falta dos interesses políticos.

Para a gente interessa ter um local para fazer barragem, o que seria uma tranquilidade para dar água para as vacas, os porcos. Mas, infelizmente, o governo do nosso

município, entra um, e sai outro, cada um pior que o outro. Se tivesse máquina para fazer barragem, para ajudar a segurar aquela água que chove, e vai embora, nós poderíamos ter. Mas não estamos achando apoio. Porque o que nós vemos nos jornais, é que o governo federal está dando mais tranquilidade para as pessoas da zona rural, mas os governos do município não estão atuando.

Mas qual sistema de água vocês têm, cisterna?

Elias – É poço artesiano. Mas a água que sai dele não dá para abastecer toda família que precisa. Eram dois poços, mas um já secou. Mas hoje o que poderia fazer é barragem, porque tem lugar para isso, para distribuir água para todos. Ou furar novos poços, porque quando chegam a furar, fura um poço raso, que dura um tempo e depois seca de novo.

Vocês têm plantação de quê aqui?

Elias – Não tem nada, só no período da chuva. Planta milho, feijão, mandioca, maniába, só.

Alino – A gente fala assim, período das águas, às vezes, vocês não entendem que é no verão. Aqui a chuva de plantio começa em outubro, mas está tendo um período muito pequeno, já há vários anos.

Elias – A chuva que vem chove toda de uma vez, durante um mês.

Alino – Difícil, porque quando está para salvar a lavoura, ela vai embora. O plantio que ainda aguenta só com sol é mandioca e cana. Alguns que moram em lugar baixo ainda conseguem banana, mandioca mansa. Mas aqueles que estão em lugar pior estão quase paralisados.

Falando de culinária, vocês têm lembrança de alguma coisa que vocês comiam e que hoje não tem mais?

Elias – Sobre isso mesmo, sobre a falta de água. Me lembro quando criança que tinha um córrego chamado Capoeirinha, era muita água dentro dele, direto. Por isso, tinham muitas coisas que colhíamos na roça, como o inhame. Mas hoje ninguém colhe mais, porque não tem água. Na horta, a gente comia tudo que era verdura e tudo natural.

Cansei de ver meu pai cortando arroz com a água no joelho. Batia 30 sacas de arroz. Hoje nada disso, secou tudo. Tinha a horta, com alho, repolho, cebola, minha mãe e meu pai, eles vendiam isso. Eram 50 réstias de cebola, 50 réstias de alho, e sobrava para a despesa. Hoje não existe nada disso.

A gente tem os terrenos, na verdade, que começou desde criança. Aqueles que não mudaram têm o terreninho dele, mas quando vai querer uma coisa diferente dessa que a gente comia da roça, hoje você é obrigado a buscar no armazém. É onde a gente come tudo envenenado. Antigamente era tudo natural. Por isso que antes os mais velhos viviam mais? Eu tenho 43 anos, ele tem 60, a possibilidade é de ele viver mais que eu, que tenho 40. Antigamente, morria por idade, hoje morre pelo que come. Eu comi mais porqueira que ele. São as coisas naturais que preservam as pessoas.

Alino – No meu tempo de mais jovem, até poucos anos atrás, o que tenho mais lembrança e tenho mais saudades é de um engenho feito na madeira, tocado a boi, que meu pai fez, e esse engenho deve ter rodado numa média de uns 50 anos. Quando meu pai morreu, ele ainda continuou, eu tocava junto com meus irmãos. A maioria de meus irmãos foi, e eu fiquei até que uns dez anos atrás, eu fui obrigado a abrir mão.

Fazia rapadura, fazia uma carga de rapadura, que significam 40 rapaduras. Rapaduras de dois quilos e meio a três quilos. E tinha vezes que esse engenho rodava 60 dias sem parar fazendo de duas em duas cargas e meia por dia. Depois foi caindo a produção, que até uns 12 anos atrás eu ainda consegui fazer. Então é a questão de companhia dos mais velhos, porque era muita gente para tocar o serviço, dois no engenho, duas tacheiras no tacho, um cortador de cana no canavial, e um tropeiro com os burros, era carregado no burro.

Elias – Hoje não existe isso por conta de falta de água e falta de chuva. Os canaviais não saem mais.

Alino – Eu fui obrigado a parar por falta de companheiro e por falta de água.

Tila – Começava quatro horas da manhã e terminava dez horas da noite.

Alino – Quando a água encurtou eu não sustentei mais. Eu moro daqui a mais ou menos um quilometro e meio. Eu vinha apanhar água com um burro para dar água aos bois,

num minadouro de água que tinha nesse fundo aqui. Eu achava difícil todo dia aquela tormenta. Além de trabalhar de dia, ainda tinha que trazer os bichos na água para “sasar” eles. E levar água para tocar o serviço. Eu esmoreci, mas ainda sinto saudades do serviço até hoje. Daí eu acabei com a enghoca. Mas a enghoca, quando fizemos, meu pai mesmo é que fazia. Depois que meu pai morreu, ficamos eu e mais um irmão, e continuamos fazendo o serviço.

Vocês têm uma noção de quanto tempo tem a comunidade aqui de Capoeirinha?

Tila – Aqui começou em 1987.

Elias – Sim, o povoado da comunidade. Agora a procedência do pessoal é de muitos anos, os avós, bisavós são todos daqui de Capoeirinha.

Tila – A comunidade começou nesse meio aqui com uma cruz, fazendo penitência. Naquele tempo chovia, mas quando fazia penitência, chovia mais ainda. Carregava pedra e colocava no pé da cruz, na cabeça, e quando terminava aquela penitência de nove dias, vinha a chuva. E graças a Deus louvado dava muito alimento para as pessoas. Aí foi começando assim, através de uma “dominga”.

A domingo, é assim que a gente vai, leva um leilão, faz aquela bandeja, arremata, naquele tempo, uns centavos. Hoje vai para uns 15 reais, uns 30 reais, para a comunidade. Daí foi continuando assim, depois veio esse grupo aqui, depois veio a igreja lá. Acho que tem uns 15 anos que tem essa igreja aqui. A gente faz o culto. Sou eu mesma a dirigente do culto, ele aqui é o tesoureiro da igreja. Lá a gente continua com leilão, tem dia com festa, queima foguete.

Elias – Escolhe as pessoas para trazer o leilão, junta aquele dinheiro para fazer um benefício para a comunidade. Por exemplo, aquela igreja primeiro começou como uma casinha bem pequenininha, bem miudinha, que foi de dois velhinhos, comadre Teresa e Zé Branco. Eles falaram assim: “vamos fazer uma comunidade”, aí fez a casinha. Através dessa casinha fez o leilão. Foi conseguindo dinheiro e conseguiu uma igreja grande, uma casa apropriada, através dos companheiros, todo mundo reunido.

Alino – Inclusive tem uma caixa de água. Nós temos dificuldade de água, ela foi feita agora e terminada uns quatro meses atrás. Isso com o custo da comunidade, com esse

dinheiro que eles estão falando. Compramos material, ficou em torno de 3 mil reais, pagando com esse dinheiro adquirido de leilão. A turma entrou em mutirão para poder pagar a caixa para parar a água da chuva, da goteira. Ela pega mais ou menos 28 mil litros de água. E com isso nós estamos até fazendo umas plantinhas. Essa água serve para beber, uso doméstico.

Elias – É o que salva todo mundo, porque todo mundo tem uma caixa de receber a água que cai do telhado. Se não fosse ela, a maioria daqui já tinha ido embora. Porque a água que nós bebemos de rede encanada não é o suficiente.